

JUAN PABLO VILLALOBOS

Se vivêssemos em um lugar normal

Tradução

Andreia Moroni



Copyright © 2013 by Juan Pablo Villalobos

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Si viviéramos en un lugar normal

Capa

Elisa v. Radow

Preparação

Ciça Caropreso

Revisão

Isabel Jorge Cury

Valquíria Della Pozza

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção;
não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Villalobos, Juan Pablo

Se vivêssemos em um lugar normal / Juan Pablo Villalobos ;
tradução Andreia Moroni. — 1^a ed. — São Paulo : Companhia
das Letras, 2013.

Título original: Si viviéramos en un lugar normal

ISBN 978-85-359-2324-7

1. Ficção mexicana I. Título.

13-08282

CDD-863

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura mexicana 863

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

- 9 Profissionais do insulto
- 34 A Polônia não é lugar nenhum
- 56 Homenzinhos cinza
- 74 *Quesadillas* da penúltima oportunidade
- 93 Erótica bovina
- 114 Justiça para Lagos
- 133 Esta é a minha casa
- 149 Glossário do autor
- 153 Dívidas e agradecimentos

Profissionais do insulto

— Vai tomar no cu duma vez, seu filho da puta! Vai à merda!

Sei que não é uma maneira adequada de começar, mas a minha história e a história da minha família estão cheias de insultos. Se realmente vou contar as coisas que aconteceram, vou ter que mandar um monte de gente tomar no cu. Juro que não existe outro jeito, porque a história ocorreu no lugar onde eu nasci e cresci, em Lagos de Moreno, nos Altos de Jalisco, uma região que, para piorar, está situada no México. Deixem-me explicar de uma vez quatro coisas sobre a minha cidade, para quem nunca esteve aqui: há mais vacas que pessoas, mais *charros** que ca-

* Vaqueiro tradicional mexicano, que lembra o caubói norte-americano. Os *charros* participam de *charreadas*, competições parecidas com os rodeios, e se vestem com roupas típicas coloridas, que incluem um chapéu de aba muito larga (o chapéu de *charro*) e um laço no pescoço. [Todas as notas de rodapé são do autor]

valos, mais padres que vacas, e as pessoas gostam de acreditar na existência de fantasmas, milagres, naves espaciais, santos e similares.

— Mas que cuzões! Eles são uns filhos da puta! Será que eles querem ver a nossa cara de idiota?

Quem gritava era o meu pai, um profissional dos insultos. Ele praticava o tempo todo, mas sua sessão intensiva, para a qual parecia ter treinado o dia todo, transcorria das nove às dez, a hora do jantar. E a hora do jornal. A rotina noturna era uma mistura explosiva: *quesadillas** na mesa e políticos na televisão.

— Corja de bandidos! Seus corruptos de merda!

Dá para acreditar que meu pai era professor do colegial?

Com essa boquinha?

Com essa boquinha.

Minha mãe vigiava o estado da nação em frente ao *comal*,** virando as *tortillas**** e controlando os níveis de cόlera do meu pai. Mesmo assim só o interrompia quando via que ele estava à beira de um colapso, quando meu pai dava de engasgar diante da sucessão de disparates dialéticos que presenciava no jornal. Só aí minha mãe se apro-

* *Tortillas* de farinha ou de milho recheadas com queijo derretido ou outros ingredientes, servidas quentes e dobradas ao meio. Alguns recheios comuns incluem flor de abóbora, *huitlacoche* e *chicharrones*.

** Chapa de metal, normalmente redonda, colocada sobre a boca do fogão e onde se aquecem as *tortillas*.

*** Massa redonda assada, semelhante a uma base de pizza, porém de tamanho menor, feita de farinha de trigo ou de milho. Um dos pilares da culinária mexicana, com ela são feitos os *tacos* e outras inúmeras receitas.

ximava para lhe aplicar uns tapinhas certeiros nas costas, aperfeiçoados pela prática cotidiana, até que meu pai cuspisse um pedaço de *quesadilla* e perdesse aquela coloração arroxeadas com a qual adorava nos aterrorizar. Tudo a porra de uma ameaça de morte não cumprida.

— Tá vendo, calma, você vai ter um treco — minha mãe o repreendia, fazendo o diagnóstico de úlceras gástricas e icto apoplético, como se não fosse suficiente quase ter morrido de uma combinação letal de milho industrializado com queijo derretido. Em seguida ela tentava nos acalmar do susto e nos tranquilizar, exercendo a contradição materna.

— Deixem ele, isso ajuda a descarregar.

Nós o deixávamos, que ele se asfixiasse e descarregasse, porque nesses momentos nos concentrávamos numa luta fratricida pelas *quesadillas*, uma batalha selvagem pela autoafirmação da individualidade: tentar não morrer de fome. Em cima da mesa era uma estapeação danada, dezenas mãos, com seus oitenta dedos, em lide para afanar as *tortillas*. Meus adversários eram meus seis irmãos e meu pai, todos eles tecnocratas altamente qualificados nas estratégias de sobrevivência numa grande família.

A batalha se encarniçava quando minha mãe anunciava que as *quesadillas* estavam acabando.

— É a minha vez!

— É a minha!

— Você já comeu umas oitenta!

— Mentira.

— Cala a boca!

— Eu só comi três.

— Silêncio! Vocês não me deixam escutar! — nos interrompia meu pai, que preferia os insultos televisivos aos que aconteciam ao vivo.

Minha mãe desligava o fogo, abandonava o *comal* e entregava uma *quesadilla* a cada um; essa era a sua visão da igualdade: ignorar os desajustes do passado e repartir os recursos em partes iguais.

O cenário de nossas batalhas cotidianas era nossa casa, que era como uma caixa de sapatos com uma tampa de lâmina de amianto. Morávamos lá desde que meus pais se casaram, bom, eles moravam, nós fomos chegando expulsos do útero materno, um atrás do outro, um atrás do outro e, no final, como se não bastasse, em dupla. A família cresceu, mas a casa não acompanhou, de modo que tivemos que encolher os colchões, afastá-los, dividi-los para todo mundo caber. Apesar dos anos, parecia que a casa ainda estava em construção pela falta de acabamentos. A fachada e os muros perimetrais mostravam sem pudor o tijolo de que eram feitos e que deveria permanecer oculto sob uma camada de cimento e tinta se respeitássemos as convenções sociais. O piso havia sido preparado para receber placas de cerâmica, mas o procedimento nunca se completou. Situação idêntica ocorria com a inexistência de azulejos nos lugares que haviam sido reservados para eles no banheiro e na cozinha. Era como se a nossa casa gostasse de andar pelada, ou pelo menos com roupas leves. Para não divagar, não entremos nos detalhes da precariedade das instalações elétricas, de gás e de água; basta dizer que havia fios e tubos por todos os lados e dias em que era necessário tirar a água da cisterna com a ajuda de um balde amarrado a uma corda.

Tudo isso aconteceu há mais de vinte e cinco anos, na década de 1980, época em que passei da infância à adolescência e da adolescência à juventude alegremente condicionado pelo que alguns chamam de visão interiorana do mundo, ou sistema filosófico municipal. Naquela época, eu achava, entre outras coisas, que todas as pessoas e as coisas que apareciam na televisão não tinham nada a ver com a gente e com a nossa cidadezinha, que as cenas da telinha aconteciam em outro nível da realidade, numa realidade emocionante que nunca tocava nem tocaria nossa entediada existência. Até que uma noite tivemos uma experiência apavorante na hora das *quesadillas*: nossa cidade era a protagonista do jornal. Caiu um silêncio tão grande que junto com o relato do repórter era possível escutar o roçar dos dedos levantando as *tortillas* em seu caminho até a boca. Não era por causa da surpresa que íamos parar de comer; se vocês acham inverossímil ingerir *quesadillas* em meio a um estupor generalizado é porque não cresceram numa grande família.

Duas imagens congeladas alternavam-se na tela, enquanto o repórter insistia que a prefeitura estava ocupada pelos rebeldes: a rua principal do centro bloqueada com um monte de lixo, que o apresentador do jornal chamaava de *barricadas*, e um pneu pegando fogo, com sua inseparável e emergente companheira fumaça. Então olhei pela janela da cozinha da nossa casa, situada no alto do morro da Puta Que Pariu, e confirmei a versão do noticiário. Cheguei a ver quatro, cinco nuvens negras, sinistras e fedorentas sujando a vista da paróquia iluminada. A paróquia merece uma menção à parte, aquela montanha

de bosta de pedra rosada que podia ser vista de qualquer ponto da cidade e que era a sede de um exército de padres que nos obrigavam a seguir suas crenças de infelicidade e arrogância.

A notícia esclarecia as conversações sussurrantes entre meus pais, os insistentes telefonemas dos colegas de papai — *Aqui é o professor fulano, deixa eu falar com o seu pai, Aqui é o professor beltrano, deixa eu falar com o seu pai.* Se eu tivesse prestado atenção, não teria precisado ver o noticiário para saber o que estava acontecendo, e além disso eu vivia a etapa suprema do egoísmo, que é a adolescência. Finalmente meu pai interrompeu o linchamento nacional de nossos rebeldes locais com toda uma gesticulação de puto da vida que lançava pedacinhos de milho ao ar.

— Que esperam que eles façam, se vocês roubam as malditas eleições? Não querem perder? Pois não organizem a porra das eleições, e paramos de bancar os idiotas!

Nesse mesmo dia, um pouco mais tarde, uma caminhonete com alto-falantes passou lentamente em frente a nossa casa, exigindo-nos aos gritos um ato de civismo incompreensível, que consistia em renunciar à rua e ficar trancados dentro de casa. Até um novo aviso. Se eles tinham enviado o aviso até o morro da Puta Que Pariu, onde só havia algumas casas, separadas umas das outras por amplas extensões espinhosas de acácias, era porque a coisa estava mesmo fodida.

Minha mãe foi correndo para a cozinha e voltou com os olhos marejados de lágrimas e a voz trêmula.

— Meu amor — anunciou a meu pai, e em casa esse início carinhoso servia sempre de prólogo para catástro-

fes —, só temos trinta e sete *tortillas* e oitocentos gramas de queijo.

Entramos em uma fase de racionamento de *quesadillas* que terminou por radicalizar as posturas políticas de todos os membros da família. Conhecíamos muito bem a montanha-russa da economia nacional pela espessura das *quesadillas* que minha mãe nos servia em casa. Tínhamos até criado categorias: *quesadillas* inflacionárias, *quesadillas* normais, *quesadillas* desvalorização e *quesadillas* de pobre — citadas por ordem de maior opulência a maior mesquinhice. As *quesadillas* inflacionárias eram grossas para evitar que apodrecesse o queijo que minha mãe havia comprado em estado de pânico diante do anúncio de que o preço dos alimentos subiria novamente e o perigo tangível de que a conta do supermercado passasse dos milhões para os bilhões de pesos. As *quesadillas* normais eram as que comeríamos todos os dias se vivêssemos num país normal, mas se fôssemos um país normal não comeríamos *quesadillas*, portanto também as chamávamos de *quesadillas* impossíveis. As *quesadillas* desvalorização perdiam sustância por razões mais psicológicas que econômicas, pois eram as *quesadillas* da depressão crônica nacional — e eram as mais comuns na casa dos meus pais. Por último, tínhamos as *quesadillas* de pobre, nas quais a presença do queijo era literária: você abria a *tortilla* e, em vez de queijo derretido, minha mãe havia escrito a palavra queijo na superfície da *tortilla*. O que ainda não conhecíamos era a chantagem do desabastecimento quesadillesco.

Minha mãe, que nunca na vida havia emitido uma opinião política, ficou do lado do governo e exigia a ani-

quilação dos rebeldes e a restauração imediata do direito humano à alimentação. Meu pai levantava a bandeira do estoicismo e respondia à minha mãe que a dignidade não podia ser trocada por três *quesadillas*.

— Três *quesadillas*? — contra-atacava minha mãe, cujo desespero lhe incitava a ironia feminista. — Realmente você não tem noção de nada! Esta casa precisa de pelo menos cinquenta *quesadillas* por dia.

Para aumentar a confusão, meu pai insistia que os rebeldes eram uns idiotas, apesar de defendê-los. Ele seria um mal-agradecido se não os defendesse, pois tinham sido eles, em um de seus esporádicos períodos de governo havia mais de dez anos, que, num ato de populismo injustificável, haviam levado a luz e o telefone ao morro.

Basicamente, o que os rebeldes faziam era gritar viva ao Cristo Rei e rezar para que o tempo retrocedesse até o início do século xx.

— O que esses coitados querem é morrer, mas não sabem como; estão tentando morrer de fome, só que demora muito, por isso gostam tanto de guerra — dizia meu pai para nos explicar que os rebeldes não iriam negociar, que não iriam aceitar nenhum acordo com o governo.

Dizíamos que eles eram *os do galinho colorado* porque o logotipo do partido político era um galo vermelho, mas principalmente por eles — como a maioria dos partidos — também gostarem de se autodesignar com combinações de siglas impronunciáveis. Como não havia outro partido com um galo azul ou amarelo, o que teria estabelecido uma fonte de ambiguidade e exigido o uso do adjetivo, muitas vezes a economia linguística — ou seja, a folga

— nos impelia a denominá-los só de *os do galinho*. Eram camponeses assentados, pequenos fazendeiros, professores, sempre acompanhados por uma corte fiel de beatas de diversa procedência. Eram chamados de *sinarquistas* e sua missão era repetir as derrotas de seus avós, de seus pais, que lutaram na guerra lá pelos anos 20 do século passado, quando o governo decidiu que as coisas do céu eram do céu e as da terra, do governo.

Diante desse panorama emocionante, meus irmãos e eu — seres semirracionais que oscilavam entre os quinze anos de Aristóteles, o mais velho, e os cinco dos gêmeos de mentira, separados uns dos outros de maneira meticolosa por períodos de dois anos que sugeriam um perturbador costume sexual dos meus pais — nos dedicávamos a representar combates entre os rebeldes e o governo com porradas limpas. Eu chefiava os rebeldes, porque Aristóteles só aceitava ser o governo, as forças da ordem, como ele dizia. Em nossas lutas, o governo sempre ganhava, porque Aristóteles já exercia sua metodologia fascista, que combinava força excessiva com a compra dos opositores. Como se não bastasse, em seu exército sempre estavam os gêmeos de mentira, que não se abalavam com nada, não falavam, não se mexiam, não piscavam, eles gostavam de se comportar como plantas, e para as plantas em geral é impossível se render. Eram um par de samambaias plantadas em seus vasos, sabíamos que bastava estender a mão e aplicar um mínimo de força para machucá-los, mas nunca fazíamos isso, porque tínhamos a impressão de que as samambaias não podiam machucar ninguém.

Por outro lado, eu tentava me impor com minhas ha-

bilidades retóricas, mas estava condenado ao fracasso, pois ninguém me entendia.

— Meus concidadãos: ainda é tempo de vocês se afastarem do abismo profundo, ainda é tempo de voltarem ao bom caminho e deixar a seus filhos a herança mais preciosa que é a liberdade, seus direitos inalienáveis e seu bem-estar; vocês ainda podem lhes legar um nome honrado que seja por eles lembrado com orgulho, apenas por terem se entregado à revolução, e não à tirania — eu discursava aos meus, até que Aristóteles se cansava e interrompia meu discurso com porradas.

De nada adiantava eu ter vencido os jogos florais da escola por sete anos consecutivos, improvisando peças de oratória e recitando poemas próprios, alheios e anônimos. Os poemas anônimos às vezes eram anônimos, às vezes eram próprios e às vezes eram do meu pai, que tinha — de longe — mais talento para as grosserias que para as metáforas. O grau de vergonha que eu sentia quando os lia determinava a autoria.

Em nossa posição estratégica no morro da Puta Que Pariu, esporadicamente escutávamos uma explosão, um tiroteio ou detectávamos novos incêndios. Pelas conversas telefônicas de meus pais com meus tios, que viviam no centro, como as pessoas normais, e não na casa da puta que pariu, sabíamos que não adiantaria nada arriscar-se a sair de casa, pois todo o comércio estava fechado. Segundo meu pai, as famílias que moravam no centro tinham involuído para o quadrupedismo, andavam de gatinhas em casa, comiam deitadas e dormiam debaixo das camas. Essa demonstração de habilidades circenses só servia para elas

se esquivarem das balas perdidas, um desperdício de talento e energia, considerando que todos nós vamos morrer um dia, sem exceção.

Apesar da precariedade e do risco de inanição que essas jornadas implicaram, elas foram um alívio para meu pai, que finalmente podia justificar sua decisão ermitã de construir a casa nos arredores da cidade — e no alto de um morro, puta que pariu! Ele ficava dizendo que, enquanto no centro todo mundo rezava pela própria vida, nós estávamos seguros, conosco não iria acontecer nada, o que me fazia pensar na possibilidade de acabarmos como os únicos sobreviventes, com a consequente responsabilidade de ter que povoar de novo o páramo — minha imaginação estava condicionada aos ensinamentos do Antigo Testamento.

Dois dias depois do início do conflito, o jornal das nove nos encontrou na desoladora condição de uma *quesadilla* de pobre por cabeça.

— Igualzinho a Cuba — minha mãe repetia.
— Em Cuba não existem *quesadillas* — retrucava meu pai.

— Pior pra eles, coitados — arrematava minha mãe, que se punha a olhar pela janela da cozinha, desejando pra caralho que bombardeassem a prefeitura de uma vez.

Os anseios holocáusticos da minha mãe não chegariam a se cumprir, mas quase: o apresentador do telejornal informou que naquele instante uma cacetada de antimotins enviados de Guadalajara chegava a Lagos para restabelecer a democracia. Como numa conexão cósmica estúpida, escutamos na hora um rumor distante e nos lançamos à janela da sala, que transparecia os acontecimentos interio-

ranos com uma melhor perspectiva, velados, isso sim, por uma discreta cortina. Abrimos a cortina para ver direito e presenciamos o estropiado desfile de caminhões lá embaixo, na avenida que dava no centro.

— Isso! Pau no cu deles! Com certeza assim o problema acaba, como se eles fossem cachorros sarnentos. Idiotas! Filhos da puta! — insultava meu pai enquanto mamãe puxava o braço dele para trazê-lo de volta à decência do mutismo, vai que os policiais tivessem superpoderes e o escutassem.

Ficamos acordados até tarde da noite, pois o espetáculo de luz e som valia muito a pena. Meu pai finalmente se resignou ao silêncio e à tristeza, sua única atividade era nos fazer cafuné, um de cada vez, mas com isso ele mais nos angustiava do que acalmava, porque estava tão concentrado em sua afetuosidade que parecia que o fim do mundo se aproximava.

— Que é isso?

— Tiros — respondia meu pai, avesso a qualquer tentativa de açucarar a realidade.

— Eles vão matá-los, papai?

— Não, é só para assustá-los — mamãe intervinha correndo, sabedora da resposta que meu pai nos daria: *É pra isso que a polícia serve, pra matar todo mundo*, ou algo do gênero.

— E o que eles vão fazer com os rebeldes?

— Vão levar todo mundo pra cadeia e...

— E depois vão soltá-los, quando eles tiverem se arrependido das coisas erradas que fizeram.

— Não, não, não! Eles não fizeram nada de errado, as

eleições deles foram fraudadas, eles têm o direito de protestar.

— As crianças não entendem isso.

— As crianças já estão grandes e conseguem saber o que é errado.

— Você vai confundi-las.

— Melhor confusas do que enganadas.

De madrugada, quando a cidade voltou ao silêncio, minha mãe, exibindo seus conhecimentos bélicos, começou a preparar *quesadillas* desvalorização com as últimas reservas que restavam.

— Amanhã, assim que amanhecer, vamos ao mercadinho — ela disse a meu pai, que não quis comer a *quesadilla* e meia que lhe cabia, a qual repartimos em sete pedacinhos.

Fomos acordados muito cedo para irmos fazer compras em pânico. Tínhamos dormido tão pouco que as remelas nem haviam amadurecido. Descemos para o centro na caminhonete, meus irmãos e eu deitados na caçamba, enroscados em mantas e querendo jogar cartas para nos distrair, mas os chacoalhões das rodas deslizando sobre a irregularidade do terreno desmontavam nossas mãos de baralho. Na cidade, observamos pneus queimados, montes de lixo amontoados nas calçadas, alguns antimotins contando suas façanhas e os muros onde os rebeldes haviam pintado seu solitário lema: *Justiça para Lagos*. Parecia que os *sinarquistas* tinham comprado todo o estoque de spray da cidade. O desprezo do governo pela periculosidade dos rebeldes era tal que nunca se incomodou em repintar os muros. Até hoje é possível ler esse lema aqui e ali, em paredes sujas e descascadas cujos proprietários simpatizam

com a causa ou, simplesmente, não têm dinheiro para pintá-las.

— Quais são os rebeldes? — perguntei.

— Será que você não entendeu o que o papai disse? Esses idiotas já se foderam — sentenciou Aristóteles.

Meu pai estava concentradíssimo em não bater a caminhonete, tarefa quase impossível porque, além da legião de motoristas febris, as ruas estavam apinhadas de caminhonetes camicases de entrega de leite. As fazendas vizinhas não haviam conseguido realizar as rotas dos últimos dias e agora tinham que se desfazer do leite em estado de semidecomposição. Não subestimem o tamanho de nossos estoques: era uma cacetada de leite. Agora já há poucas caminhonetes de entrega, desde a abertura do parque industrial da cidade nos anos 1990. Ali se instalaram as grandes companhias de laticínios, que consomem toneladas de leite e livram os pecuaristas do incômodo de buscar clientes no varejo. A maioria das pessoas compra o leite no supermercado, inclusive muitos preferem consumir os produtos lácteos da Comarca Lagunera, traindo nossos bovinos.

O Apocalipse transcorria na loja do ISSSTE.* Filas infinitas de seres abatidos e malvestidos, que com a abertura das portas se arremessaram para o interior do estabelecimento, como se em vez de comprar víveres quisessem morrer esmagados e acabar de vez com aquele sofrimento da porra. Nos dividimos em dois destacamentos: quatro dos meus ir-

* As lojas do Instituto de Seguridade e Serviços Sociais dos Trabalhadores do Estado compõem uma rede estatal de supermercados no México que vendem produtos a bom preço.

mãos foram com meu pai à *tortillería** e o resto, os gêmeos de mentira e eu, acompanhamos minha mãe em sua missão suicida. A divisão seguia uma lógica imposta a princípio pela faixa etária, mas principalmente pela distinção entre personalidades histéricas e melancólicas: Aristóteles com meu pai — por ser o mais velho, o mais histérico e o mais violento, meu pai podia controlá-lo melhor; o segundo, eu, com meus treze anos, com minha mãe — por ser o segundo e o mais triste e porque minhas estratégias de sobrevivência eram verbais, o que talvez significasse potenciais danos psicológicos a minhas vítimas — matéria de pouca importância quando saímos de casa e o objetivo era evitar hecatombes próprias ou alheias; Arquíloco, Calímaco e Electra com meu pai, por estarem em idades perigosíssimas para o vandalismo e os autoferimentos — onze, nove e sete anos respectivamente; os gêmeos de mentira, juntos, com minha mãe e sob minha supervisão, coisa de que não necessitavam porque tinham cinco anos e estavam o tempo todo ausentes do mundo, concentrados em fazer fotossíntese e preocupados só em se manter um ao lado do outro, como se fossem siameses e não gêmeos de mentira.

Minha mãe não se assustava com multidões, eram seu hábitat, ela mesma havia crescido numa grande família, uma de verdade, das de antigamente, com onze irmãos reconhecidos mais outros três que se materializaram quando meu avô morreu, para exigir seu microscópico pedacinho de herança. Ela era uma especialista em tumultos, capaz

* Fábrica onde se produzem *tortillas*.

de conseguir a terceira senha da seção de frios, quando havia centenas de pessoas aclamando o carrasco dos suínos. Eu vigiava o carrinho no qual minha mãe, exultante, ia arremessando o queijo, o presunto, a mortadela. Era preciso ver a dedicação da minha mãe para conseguir que produzissem para ela fatias fantasmagóricas, mais fininhas, mais fininhas, ameaçava ela a atendente. Terminada a compra dos frios, constatamos que nesta vida cada merda de vitória corresponde a um cataclismo fodidíssimo: os gêmeos de mentira haviam desaparecido.

A busca se tornou muito complicada por causa da aparência dos gêmeos de mentira. Tínhamos que explicar à polícia e aos funcionários do ISSSTE como eles eram, e minha mãe se empenhava em começar sua descrição com uma frase que era um chamado irresistível à polêmica.

— São gêmeos, mas não iguais, eles não são nada parecidos.

— Se não são iguais, então não são gêmeos — nos fustigavam, deduzindo com sua ignorância que todo nosso relato era mentira, como se gostássemos de nos distrair brincando de esconde-esconde com membros inexistentes da família.

Eu tentava derrubar a defesa férrea da lógica aristotélica que os investigadores queriam edificar antes de darem início à busca dos gêmeos, completando a explicação da minha mãe com a ajuda de um soluço nervoso cujo objetivo era fraturar meu esterno.

— Eles são gêmeos, sim, só que de mentira.

— De mentira? Ou seja, são inventados — replicou um atrevido policial que parecia ter decidido que seria

mais simples trazer nossas falsidades a público que encontrar os gêmeos.

— São bivitelinos, dizigóticos! — gritava minha mãe, arrancando os cabelos, já instalada na tragédia, visto que a situação havia desembocado na Grécia.

O policial me chamou de lado para me olhar com infinita compaixão e me perguntar, enquanto me acariciava as costas como se eu fosse um cachorrinho:

— A sua mãe está louca?

— Não sei — respondi, porque não sabia com certeza absoluta, nunca tinha precisado refletir sobre isso.

Como a emoção ainda era pouca, acrescentamos o problema da roupa indiferenciada, porque realmente dava trabalho nos distinguir uns dos outros, não digo para quem não fosse da família, mas até entre nós mesmos. Meus pais contribuíam à homologação com suas estratégias de economia de escala: compravam a mesma roupa para todo mundo a fim de barganhar descontos, calças jeans e camisetas coloridas, sempre a mesma roupa, um número maior para durar mais, o que produzia o efeito grotesco de estámos permanentemente malvestidos. Quando a roupa era nova, parecia emprestada; quando servia bem, já estava velha. Tudo isso sem contar que os farrapos passavam dos irmãos mais velhos aos mais novos mediante um sistema sincronizado de herança.

Felizmente meu pai chegou e as discussões acabaram, apesar de alguns funcionários continuarem a nos vigiar com olhares desconfiados nos quais se percebiam gravíssimas acusações ontológicas. Rastreamos todos os cantos da loja, fizemos uma varredura nas ruas adjacentes e não

encontramos os gêmeos de mentira. Tanta busca só serviu para que eu confirmasse o quanto éramos pobres, muito pobres, pois na loja havia uma porrada de coisas que nunca havíamos comprado.

— Mamãe, um dia vamos deixar de ser pobres? — perguntei, me pondo debaixo dela e recebendo as lágrimas que gotejavam de seu queixo e caíam no meu cabelo. Eu as aproveitava para me pentear, para abaixar os fios arrepiados.

— Seus irmãos estão perdidos! Não é hora de perguntar isso! — Mas para mim as duas coisas tinham a mesma importância: encontrar os gêmeos de mentira e definir as esperanças de ascensão socioeconômica de nossa família.

Dois policiais foram para casa conosco a fim de pegar as certidões de nascimento dos gêmeos e algumas fotografias que haviam tirado deles na escola poucos dias antes. O agente que havia me perguntado sobre a saúde mental de minha mãe acabou se revelando diretor da guarda municipal, apesar de sua falta de tato — ou certamente por causa dela. Ele olhou as fotos com vagar e confirmou suas suspeitas:

— Eu sabia, não são gêmeos.

Ele tinha muitíssimo cabelo na cabeça, mas de diferentes tipos, liso, crespo, ondulado, encaracolado, inclusive de diferentes graus de crepidão, parecendo que ali em cima, no meio de tamanha bagunça capilar, as ideias se enroscavam. Tentou se apresentar com um sobrenome — assim: policial *Sobrenome* —, mas era um desses sobrenomes que milhões de pessoas têm, péssimo para você se destacar. Precisávamos de qualquer coisa que nos livras-

se do pânico daquele instante, e dentro das possibilidades disponíveis não encontramos nada melhor que uma piada infantil, uma brincadeira que nos ajudasse a acreditar que o que estava acontecendo não era tão grave, que ia acabar bem, que tínhamos o direito de rir no meio da desolação. Assim, o apelidamos de policial Cabeleira.

A fabulosa estratégia da polícia consistiu em colar em cada parede da cidade cartazes com fotos dos gêmeos. A legenda lançava brados maiúsculos: PERDIDOS. A seguir se informavam as minúcias em minúsculas, o nome dos meus irmãos PERDIDOS, Castor e Pólux, os nomes comuns e correntes de meus pais — havia faltado imaginação aos meus avós para fazer uma sacanagem com eles —, o telefone da polícia e o da nossa casa. Abaixo de tudo isso, estava escrito: ACRE-DITAM SER IRMÃOS GÊMEOS. Nós nem oferecíamos recompensa, tínhamos decidido aproveitar a fama para difundir aos quatro ventos nossa pobreza e o delírio grego do meu pai.

Os dias se passaram e não os encontramos. Primeiro procuramos com muito afínco, era a única coisa que fazíamos, meu pai não ia trabalhar e nós, assim que chegávamos da escola, a única coisa que fazíamos era nos angustiar. Por sua vez, Aristóteles se dedicava com muito afínco a outra tarefa fundamental, jogar a culpa em mim:

— A culpa é sua, seu idiota. — Era o que ele me dizia o tempo todo, e meus outros três irmãos sobreviventes adoravam imitá-lo.

Eu conseguia ignorá-los sem peso na consciência, pois eu era um especialista em matéria de culpas; para suportar esse tipo de situação, tinha tido a sorte de morar nessa cidade, nascer nessa família e ir a essa escola especializada

em nos atribuir pecados. Meus conhecimentos de retórica articularam uma defesa inapelável:

— Ninguém se perde se não quiser se perder.

Essa resposta calou fundo nos meus irmãos, e também em mim, porque no fundo — bem lá no fundo — todos nós reconhecíamos que adoraríamos estar no lugar dos gêmeos de mentira, nos perder e abandonar de vez esta maldita casa e o puto do morro da Puta Que Pariu.

Nossa tristeza atingiu o clímax uma noite em que entrevistaram o policial Cabeleira no jornal das nove. Pelo que vimos na telinha, o pessoal da maquiagem da televisão tinha se empenhado em tentar dar alguma forma ao cabelo dele. O resultado era perturbador.

— O que aconteceu com o cabelo do policial Cabeleira? — perguntou Electra, sacramentando o apelido que lhe havíamos dado.

Depois de cumprir as tarefas de descrição fisionômica e onomástica que o caso exigia — o que provocou uma breve digressão sobre a mitologia greco-romana —, apresentador e entrevistado concordaram em adiantar a programação noturna e realizar um velho sonho: protagonizar a novela das dez. Considerando a altíssima qualidade de suas expressões hiperbólicas, eles haviam nascido para o melodrama ou — se seus talentos não eram inatos — o país os havia preparado com todo o zelo.

— Conte para nós, como estão os pais? — perguntou o apresentador enquanto arrumava os papéis que tinha na mesa e os abandonava de maneira displicente, deixando claras suas intenções: agora vamos deixar de idiotices e falar do que realmente interessa.